

Trajetória de uma cientista negra: dos desafios da infância ao prêmio L'Oréal

NATHALIA PEREIRA SAVAZI*

Resumo: No presente trabalho buscamos estudar o percurso de uma mulher negra na ciência, utilizando para isso a seguinte pergunta de pesquisa: “Quais elementos da trajetória pessoal, escolar, acadêmica e profissional de uma cientista negra extrapolam suas vivências individuais e nos ajudam a compreender os (des)caminhos das mulheres negras na ciência?” Com isso, objetivamos biografar a trajetória pessoal, escolar, acadêmica e profissional da cientista que chamaremos de R. e os problemas enfrentados por ela durante esse caminho. Pudemos conhecer que sua paixão pela ciência é despertada na infância; perceber a falta de representatividade, como um dos desafios que enfrenta por ser uma mulher negra na ciência; a vivência dos percalços relacionados com o sexismo instrumental e automático; sua luta contra esses sexismos; o conflito entre ser cientista e ser mulher e o racismo institucional.

Palavras-chave: História de vida; Cientista; Mulher; Negra.

The trajectory of a black scientist: from childhood challenges to the L'Oréal award

Abstract: In this assignment we inquired about the path of a black woman in science, by using the following research question: “Which elements about the personal, academic and professional path of a black scientist surpass their individual vivences and help us to understand the (dis)way of black woman in science?” With this, we aim to biography the personal, school, academic and professional trajectory of scientist R. and the problems faced by her along this path. We could see that her passion for science was awakened in childhood; perceiving the lack of representation, as one of the challenges that she face as a black woman scientist; the experience of those issues related to instrumental and automatic sexism; her fight against sexism; the conflict between being a scientist and a woman and the institutional racism.

Key words: Life story; Scientist; Woman; Black.



* **NATHALIA PEREIRA SAVAZI** é Licenciada em Física pela Universidade Estadual Paulista, "Júlio de Mesquita Filho" – Unesp, São José do Rio Preto, professora da Rede de educação básica do Estado de São Paulo, na diretoria de Ensino de Fernandópolis.

A sub representação feminina no campo da ciência

Lamentavelmente, a invisibilidade da mulher nos postos de poder, como é o caso da ciência – sobretudo por causa da sua prestigiosa capacidade de desenvolvimento de conhecimento e tomada de decisão –, é antiga. Por conta da predominância de uma história eurocêntrica da ciência, qualquer representação de cientista que seja diferente de um homem cisgênero, heterossexual e branco, passa a ser atacada.

Embora atualmente as mulheres venham conquistando seu espaço, a sub representação na área ainda é significativa e há diversos trabalhos que elucidam os motivos. De acordo com a V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das Instituições Federais de Ensino Superior realizada em 2018 pela Associação Nacional dos Dirigentes de Instituições Federais de Ensino (Andifes), o percentual da participação feminina no ensino superior passou de 51,4 em 1996 para 54,6 em 2018. (ANDIFES, 2019). Apesar desse percentual ser positivo, ainda “há um desequilíbrio de gênero nos cursos de exatas”, como afirma a diretora da Faculdade de Computação e Engenharia Elétrica da Unifesspa, Professora Doutora Zenaide Carvalho da Silva e segundo ela essa desigualdade é fruto dos mecanismos de socialização que reserva papéis distintos para homens e mulheres (UNIFESSPA, 2021).

Infelizmente, esse problema não é atual e tampouco restrito ao Brasil. Em 1965, nos Estados Unidos ele já existia e Alice Rossi pode percebê-los nas falas de alunas de uma universidade quando perguntadas sobre o motivo de tão poucas quererem seguir carreira

científica, sendo elas: dificuldade em conciliar trabalho e família, a imagem não feminina do cientista e hostilidade dos homens com colegas de trabalho mulheres. (ROSSI, 1965 apud SCHIEBINGER, 2001).

Seguindo a mesma linha de pesquisa, acerca das dificuldades da ascensão feminina na ciência, Lima (2008) em sua tese de mestrado se dedicou a estudar as dificuldades de se estar no “mundo feminino” e, simultaneamente, transitar no “mundo das ciências”, metaforizando esses problemas na figura de um Labirinto de Cristal.

O Labirinto de Cristal é o nome usado para representar os empecilhos para as mulheres ascenderem na carreira científica que estão disseminados ao longo de um percurso tortuoso, cheio de desafios e, sobretudo repletos de desafios invisíveis aos olhos da sociedade, uma vez que não são barreiras formais, como de fato a imagem de um labirinto feito de cristal nos indica (LIMA, 2008).

A pesquisadora em questão encontrou três tipos de complexos de obstáculos presentes no que ela chamou de Labirinto de Cristal: o drible da dor, por meio das representações das supermulheres e das inteligências descorporificadas; a presença dos sexismos automático e instrumental; e o conflito entre os discursos de “ser mulher” e “ser cientista” (LIMA, 2008).

O drible da dor, conforme explanado pela autora, é uma manobra utilizada pelas mulheres para recusar que existem empecilhos específicos relacionados ao gênero ao longo das carreiras científicas. Por sua vez, o sexismo automático enquanto preconceito baseado no sexo de um indivíduo refere-se à prática não reflexiva, automática, maquinal e que muita das

vezes é praticado pela própria vítima. Já o sexismo instrumental é “aquele acionado para colocar alguém em seu ‘devido’ lugar” (LIMA, 2008) e que no caso das vítimas mulheres é percebido em frases que relacionam o mérito com a feminilidade. E, por último, Lima (2008) discorre a respeito do discurso entre “ser mulher” e “ser cientista”, o qual evidencia as inúmeras atuações da mulher e suas respectivas exigências para cumprir os requisitos necessários para ser uma “boa cientista” e uma “boa mulher”.

Por conta destes e outros efeitos do sistema patriarcal, não há muito tempo atrás, as mulheres que faziam ciência mantinham suas descobertas à sombra de nomes masculinos, como de seus maridos e na ausência destes, de seus filhos. A exemplo disso temos a física polonesa, ganhadora de dois prêmios Nobel, Marie Curie, a astrônoma Mina Fleming, a física Lisa Meitner entre tantas outras (EL PAÍS, 2017). Essas mulheres - europeias - mais populares na história, embora tardio, ainda tiveram um pouco de reconhecimento.

Mas e as mulheres negras, africanas ou de civilizações mais antigas, sobre as quais poucos registros temos a respeito de suas histórias e contribuições? Quantas pessoas conhecem Merit Ptah ou Hipátia? E as físicas contemporâneas Sônia Guimarães e Zélia Ludwing?

Com base na ideia de que a raça é uma construção social e categoria não universal ou essencial da biologia, a ideia de “racialização” ou “formação de raça”, segundo Silvério (2012), permite que compreendamos que as raças não existem fora da representação, elas são formadas na e pela simbolização em um processo de luta pelo poder social e político. Esse conceito de racialização refere-se aos casos em que as relações sociais entre as pessoas foram

estruturadas pela significação de características biológicas humanas, de tal modo a definir e construir coletividades sociais diferenciadas. Dentro desse processo, há tempos a imagem do negro é associada a funções de pouco prestígio social e que lhe roubam sua dignidade. A visão estereotipada que os negros são bons somente para futebol e samba, acontece porque historicamente, ao povo negro ou não branco é recusado qualquer reconhecimento de produção de conhecimento, na busca do apagamento de sua inteligência.

Dentro desse processo, os negros sofrem ainda com o racismo e suas diferentes formas. Na ciência, o principal deles é o institucional, que nas palavras de Almeida (2019) é o “resultado do funcionamento das instituições” visto que elas propiciam privilégios e desvantagens dentro desse processo de racialização.

Na tentativa de contribuir para diminuir a capa de invisibilidade colocada, sobretudo nas mulheres negras na ciência, no presente artigo pretendemos divulgar a trajetória pessoal, escolar, acadêmica e profissional da cientista que chamaremos de R. e os problemas enfrentados por ela durante esse caminho. Além disso, utilizando a metodologia de história de vida, trazer essa trajetória para um âmbito mais geral de modo a contribuir para a compreensão dos desafios da comunidade de cientistas negras. Os dados foram coletados através de entrevista semi estruturada.

Isso porque, se as mulheres na carreira científica têm que passar por um Labirinto de Cristal, indubitavelmente, as mulheres negras têm que enfrentar um Labirinto de Cristal muito mais longo e tortuoso por carregarem além do marcador social gênero, o étnico

racial. A web revista Gênero e Número esboça isso através de uma coleta de dados que realizou junto ao CNPq a respeito de cor e raça informado no currículo de pesquisadores na plataforma Lattes, entre os anos de 2013 e 2017 na qual constatou que nas Ciências Exatas e da Terra 28.715 (35%) bolsistas eram mulheres e destas, apenas 1317 eram pretas, o que representa 4% do grupo de mulheres (GÊNERO e NÚMERO, 2018).

A situação é mais crítica quando buscamos por mulheres negras com doutorado nos bancos de dados de docentes de pós-graduação do país. Enquanto aproximadamente 3% das mulheres negras (pretas e pardas) totalizam o percentual das professoras com esse título, apenas 0,4% são pretas, conforme atestado pelo Censo de 2016 (GÊNERO e NÚMERO, 2018).

Interseccionalidade

Para compreender essa proporcionalidade entre o número de marcadores sociais que interceptam um determinado indivíduo e a opressão estruturada por ele sofrida, nos remetemos ao conceito de interseccionalidade. Sistematizado pela professora e defensora dos direitos civis norte-americana Kimberlé Crenshaw em 1989, a interseccionalidade pode ser entendida como uma ferramenta para sistematizar a articulação entre o racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado como eixo de subordinação social e a partir disso ser capaz de se pensar em estratégias para superá-los (AKOTIRENE, 2019).

Essa tentativa de intervenção se torna possível justamente pelo fato da interseccionalidade nos permitir compreender em qual elo social o cidadão em questão se encontra, e a partir disso as reivindicações se

tornarem mais precisas. Um exemplo para compreender essa justificativa, explicado por Akotirene (2019), consiste na observação que o feminismo tratado como um movimento geral, iniciado na década de 60, atendia apenas um determinado público, as mulheres brancas, excluindo assim as mulheres negras e essas por sua vez, também não têm suas necessidades consideradas pelo movimento negro, já que este visa atender aos homens negros. Essas mulheres negras que de certa forma, pertencem a ambos os movimentos, mas que em termos de atendimento às suas especificidades não pertencem a nenhum deles ficaram a mercê das injustiças até a chegada do feminismo negro.

Esse exemplo certamente vem da definição metafórica de interseccionalidade feita por Crenshaw (2002), que caracteriza os diversos eixos de poder - por exemplo, etnia, gênero e classe social -, como avenidas, que podem se cruzar entre si e nas quais circulam as dinâmicas do desempoderamento, nas palavras da autora, para se referir a opressões, como por exemplo o racismo, o sexismo etc. A interseccionalidade seria então os cruzamentos entre essas vias, e a mulher racializada estaria portanto no cruzamento entre a avenida do gênero com a avenida da “raça”. Nesse sentido, cada grupo que é marcado por uma certa opressão estaria nessa intersecção, devido às suas identidades pessoais.

A identidade e a história de R.

R. é graduada (2007) em Física Biológica pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), com mestrado (2009) e doutorado (2014) em Física pela Universidade de São Paulo (USP) de São Carlos, trabalha com raios cósmicos

de altas energias e desde 2014 é professora doutora da Universidade Federal do Paraná (UFPR) no setor Palotina. Possui experiência com propagação de raios cósmicos e interações de partículas e raios gama, estudo da Equação de Schrödinger e modelos integráveis (LATTES, 2020).

É membro do Observatório de Raios Cósmicos Pierre Auger, em Malargue, na Argentina desde 2014 e membro do Observatório Cherenkov Telescope Array - CTS desde 2015 (LATTES, 2020). Foi uma das sete ganhadoras do prêmio L'Oréal-UNESCO-ABC Para Mulheres na Ciência 2020 na área de Ciências Físicas, com a pesquisa que busca compreender se as galáxias *starburst* – que estão entre as mais luminosas do universo e apresentam fortes ventos - podem ser fontes de aceleração e propagação de raios cósmicos (ABC, 2020). Para motivar as meninas a se interessarem pela ciência, a cientista colabora com o projeto “Rocket Girls: Meninas na Astronomia e na Astronáutica” que realiza atividades em robótica, arduino¹ e astronomia com meninas de escolas públicas na cidade de Palotina, Paraná.

Caçula da família, desde a infância R. já se encantava pela ciência, adorava assistir programas de divulgação científica que passavam na TV, nos quais se mostravam experiências, era fascinada pela TV Cultura², sendo este seu primeiro contato com a ciência:

(...) é até interessante que às vezes eu escutava aquele ‘Vestibulando’ que passava na Cultura, eu não entendia nada, porque era coisa de vestibular, mas eu gostava de ficar

assistindo só de saber que era uma coisa relacionada com a ciência.

O despertar da possibilidade de ser cientista ocorre na quinta série (hoje sexto ano do ensino fundamental), quando passa a ser mais aplicada na escola, começa a fazer perguntas aos professores, estudar mais quando chegava em casa, pois não precisou trabalhar, como os irmãos mais velhos precisaram. Com o processo de amadurecimento, ela também passou a entender que havia um processo de seleção para ingresso no ensino superior, que era o vestibular.

Apesar do professor de matemática do ensino fundamental reconhecer o seu talento com as operações matemáticas na 7ª/8ª série, o maior incentivo por parte dos professores veio no ensino médio com os professores de biologia e inglês. Em seu relato ela explica que apesar de ter sido aluna de um ensino público precário, esses professores sempre fizeram o melhor, e hoje como professora, ela percebe o quanto essas aulas eram bem planejadas e foram decisivas para a escolha de sua carreira.

Assim como hoje muitos jovens que saem do ensino médio vislumbram cursar medicina, devido a vários fatores determinantes, como por exemplo, o prestígio social e financeiro, a professora R. aliado com seu gosto pelas ciências biológicas e vendo sua mãe como técnica em enfermagem, também teve esse mesmo desejo de prestar medicina. Prestou o vestibular, no entanto, não atingiu a nota de corte, nem para o curso de medicina, nem para o curso de biologia.

Depois dessa primeira tentativa, ela foi para o cursinho pré-vestibular e se encantou pela física quando o professor deduziu a fórmula do Movimento Retilíneo Uniforme e aquilo passou a fazer sentido para ela, deixou de ser um

¹ É um tipo de placa eletrônica utilizada para desenvolvimento de projetos interativos.

² Rede de televisão brasileira sediada em São Paulo que apresenta uma predominante programação educacional.

amontoado de fórmulas que tinha que se decorar como aprendeu no ensino médio.

No mesmo período que surgiu a dúvida, se cursaria biologia ou física, foi implementado o curso de física biológica na UNESP e ela não pensou duas vezes, sabia que aquele curso era o seu. Prestou o vestibular, entrou na universidade e passou a trabalhar nos projetos de extensão, Iniciação Científica, e também na biblioteca da universidade. Terminou o curso em 2007, dois anos mais tarde conclui o mestrado em Física pela USP em São Carlos e em 2014 o doutorado também em Física. Desde o referido ano é professora doutora da Universidade Federal do Paraná no setor Palotina.

Conheceu o programa “Para mulheres na Ciência” em 2018, quando uma professora de física da Universidade Federal de Lavras (UFLA) ganhou o prêmio e ela passou a pesquisar, acompanhar e resolveu também participar, ganhando em 2020.

Os desafios observados e vivenciados na carreira científica

R. percebe que a falta de representatividade foi o maior empecilho, uma vez que se deparava com ela em todas as situações da sua trajetória:

Qualquer coisa que eu fosse fazer fora da escola, eu era a única menina negra, a única menina que tinha menos recursos. Quando eu era pequena às vezes eu pensava: será que isso é realmente para mim? será que não é mais fácil por exemplo eu terminar o ensino médio e trabalhar, como meus irmãos fizeram? Fazer uma faculdade à noite? A falta de representatividade é algo que sempre me marcou bastante, você chegar em um lugar e... eu sempre

dou esse exemplo: quando você vai em um lugar e você vê que todo mundo é de um jeito vestido e você não está tão bem vestido quanto e você fica: 'ah não tô me sentindo bem será que esse lugar é pra mim mesmo?'

Da mesma maneira, no ensino superior a presença de faces negras também era algo raro. Não se tinha professores, palestrantes em eventos como a semana de estudos do curso, e colegas de turma negros. Para não dizer que não havia alunos negros na universidade, ela cita uma estudante do curso de matemática e que era de sua mesma cidade de origem.

Esse problema da falta de representatividade, por sua vez, acaba se desdobrando de certa forma em outra barreira do Labirinto de Cristal das mulheres negras, que é a sobrecarga de trabalhos a serem realizados. Um dos motivos é a empatia que essas mulheres sentem pelas jovens meninas negras, pois na tentativa de oportunizar a elas as mesmas oportunidades que tiveram, acabam se envolvendo muito com atividades de extensão e assim correm o risco de perderem o foco nas suas pesquisas, o que gera um ciclo vicioso, já que isso se refletirá nas próprias alunas negras:

Quando eu vejo minhas alunas negras, de uma forma mais específica, quando vou ao ensino fundamental, eu gostaria que elas tivessem a oportunidade que eu tive e aí você pensa assim ‘por que não oportunizar por meio de um projeto?’ e então você começa a fazer isso e você deixa de fazer pesquisa... então eu acho que isso acaba sendo um fardo muito grande... eu tenho meus projetos de extensão que eu gosto muito, mas eu coloco um limite ‘vou trabalhar X na extensão e como eu gosto muito de pesquisa vou trabalhar Y na minha pesquisa e vou manter

isso' porque se eu começar a ter essa preocupação exacerbada, muito relevante é claro, eu acabo deixando... e isso é ruim porque amanhã quando ela for ver uma negra na ciência básica, ela vai ver que não vai ter nenhuma.

Infelizmente esse dilema não é atual e tampouco restrito à trajetória dela. Em 1991, em entrevista ao Jornal Nacional do Movimento Negro Unificado, a ativista e intelectual negra brasileira Lélia Gonzales levanta essa discussão, em forma de autocrítica, na qual relembra que no passado já se dedicou mais à militância do que em seus projetos pessoais:

(...) E o que acontece, muitas vezes, é que você sacrifica sua existência pessoal em função do movimento e temos verificado quantos companheiros se perderam no caminho. Se perderam por falta de clareza política, evidentemente, mas também porque se jogaram de uma forma tal que, para eles, a construção de sua própria vida era um negócio tão secundário, porque eles estavam apostando única e exclusivamente no movimento. E eu acho que não pode ser assim não. Você tem que ter um equilíbrio. Eu vejo meu próprio caso, eu fui muito assim, é uma autocrítica o que eu estou fazendo também. Eu achava que tinha que estar em todas, me jogando loucamente, e meu projeto pessoal se perdeu muito. (GONZALEZ, 1991)

Outra questão que também se faz presente é a tentativa de apagamento da inteligência dos negros ou de suas habilidades intelectuais. Hoje muitos negros têm sua fama reconhecida por conta de sua participação no samba, nas artes marciais e no esporte. No entanto, a sociedade propaga uma visão estereotipada, de que os negros são bons

somente nessas áreas e incapazes de atuarem em outras, como é o caso da ciência, e podemos ver isso na fala da nossa entrevistada:

Eu me lembro que uma vez minha mãe me levou em um médico em Rio Preto e ele falou assim para minha mãe '- nossa põe ela no basquete' que eu estava crescendo né... assim, em momento algum ele falou assim '- ah põe ela para fazer um curso, qualquer coisa'... não. Tinha que ser alguma coisa de esporte porque é aonde a gente conseguiu se destacar algum tempo atrás e se destaca até hoje... mas não é só isso né... mas essa coisa cultural nossa é tão grande, tão infiltrada, que o negro só serve para o esporte, e a mulher também... a mulher serve para o esporte, serve para o samba.

Essa tentativa de afastar os negros da possibilidade de serem reconhecidos como geradores de conhecimento tem suas bases no chamado epistemicídio, que é a recusa da produção negra de conhecimento (NOGUERA, 2015).

No caso de R. especificamente, um outro fator que levou o médico e levou outras pessoas a fazer esse tipo de comentário é o fato dela ser mulher, e nesse sentido, não se espera que se engaje no meio científico.

A universidade é um ambiente propício para que o racismo ocorra, uma vez que traz à tona questões como desempenho, capacidade etc. A cientista afirma quando perguntada sobre ter sido vítima do racismo institucional:

Quando tem um grupo de estudantes, você está ali no meio e a pessoa fala para você '- Nossa, não imaginei que você iria chegar até aqui'. Aí você percebe que os outros tiveram as mesmas condições, por que a pessoa falou só para você? É um racismo

descarado... Ou situações em que professores são racistas, mas que comentam com outro professor “- Ah aquela aluna negrinha...” e às vezes chegava até mim.

Por sua vez, os empecilhos decorrentes das questões de gênero que R. narra ter observado são os mesmos observados por Lima (2008) e Rossi (1965), que são os sexismos instrumental, automático e a dificuldade em conciliar o seu trabalho com a família.

O sexismo automático é entendido enquanto preconceito baseado no sexo de um indivíduo e refere-se à prática não reflexiva, automática, maquinal e que muita das vezes é praticado pela própria vítima. A professora quando falava sobre a diferença entre a comunidade masculina e a feminina em apoiar uns aos outros relata:

A mulher não apoia a outra mulher...por exemplo a questão da maternidade. Ó vamos fazer um horário para a professora tal porque ela teve filho. Às vezes o homem não está nem aí, ele coloca ela num local que é o horário da mulher pegar o filho na creche... e o mais interessante, eu vi aqui as mulheres concordarem com ele...as mulheres que não têm filhos... elas aceitam, elas falam ‘ah verdade, ela quis ter filho o problema é dela’.

Essa fala de nossa entrevistada coloca em evidência que esse machismo ou essa reprodução de comportamentos machistas, advinda do próprio grupo de pessoas que são as vítimas, característica marcante do sexismo automático, é comum ao seu Labirinto e ao do trabalho de Lima (2008) e muito provavelmente presente no Labirinto da maioria das mulheres. Uma justificativa para essa “inimizade” é apresentada por hooks (2013) como resultado de uma desigualdade entre as envolvidas. Seja porque pertencem a grupos étnico

raciais distintos – como a inimizade histórica entre as mulheres brancas e negras-, mas também seja porque pertencem a posições de poder diferentes dentro de um ambiente de trabalho, como pode ser o caso citado por R.

Com isso podemos acrescentar que a luta contra esse mal é um outro grande entrave do percurso feminino na ciência, conforme indignação de R. durante a fala:

Tem que ter uma voz, que tem que ser ouvida e ela não é. Não é quando você fala com homens. E muitas vezes ela não é quando você fala com mulheres... tem muita mulher machista... onde já se viu você, uma mulher não ter empatia pela outra mulher que teve filho? Você sabe que você pode ser ela amanhã.

Já o sexismo instrumental é “aquele acionado para colocar alguém em seu ‘devido’ lugar” (LIMA, 2008) e que no caso das vítimas sendo as mulheres é percebido em frases que relacionam o mérito com a feminilidade. A professora R. percebe esse sexismo instrumental:

É até interessante que esses dias eu estava refletindo que eu mandei uns e-mails para uma professora e ela é bem seca... aí eu fiquei imaginando ‘nossa essa professora é muito seca assim né’... aí eu fui ver ela é uma mulher assim que tem altos cargos de liderança então eu cheguei a conclusão que ou ela é assim... em momento algum ela foi mal educada, mas ela é uma mulher muito direta... porque geralmente a gente tem mais empatia né e tal...aí eu fiquei pensando assim ‘nossa acho que ela passou por tanta coisa nesse caminho dela, nesses cargos que ela teve, que ela teve que passar por tudo isso e se tornar dessa forma para ela conseguir continuar no cargo.

Nessa situação, a nossa entrevistada não é a vítima do sexismo instrumental, ela observa que a mulher citada por ela já sofreu esse tipo de sexismo em algum momento de sua carreira. Uma vez que o tratamento rispido que R. recebe através do email, dá indícios fortes que o comportamento dessa mulher teve que ser alterado durante sua carreira para não ser vítima deste sexismo em questão. Esse pode ser um dos motivos que as mulheres em altos cargos de chefia, ou até mesmo mulheres que trabalham em escritórios onde há muitos colegas homens, utilizam vestimentas do tipo terninho, para evitar ser alvo de expressões do gênero “ah, mas com esse decote” (LIMA, 2008).

Por fim, o conflito entre “ser mulher” e “ser cientista” foi verificado durante a entrevista e compõe mais uma barreira enfrentada pelas mulheres durante seu caminho na ciência. Essa questão foi abordada pela professora a partir de sua experiência enquanto colega de trabalho e não enquanto experiência pessoal, em um cenário de pandemia que escancara ainda mais a relação entre esses dois papéis da mulher:

Eu reparei nesse tempo de pandemia com meus colegas aqui de Palotina. Eu tenho colegas que tiveram filhos pequenos, bebezinhos. O homem não mudou nada, impressionante... não mudou nada. A mulher que se vire, ouve ‘leva o bebê para lá porque eu preciso trabalhar, tenho uma reunião aqui no Skype’, é assim... agora a mulher não, eu vi que as minhas colegas não conseguem trabalhar, realmente elas não conseguem, porque com quem que vai deixar?... então eu vejo que hoje a mulher acadêmica, como professora também, ela tem que se organizar para poder pensar em ter filhos e eu acho isso injusto, porque a sua vida faz parte da sua

profissão... não são duas pessoas, é uma pessoa só, que tem o direito de casar e ter sua família.

Um estudo realizado pela UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) evidencia esse cenário ilustrado por R. acerca do impacto da pandemia na produção científica de homens e mulheres. Os resultados mostraram que homens brancos sem filhos tiveram a produtividade menos impactada, visto que 77,3% deste grupo estavam mantendo a pesquisa sem prejuízo e apenas 58,9% das mulheres brancas sem filhos estavam conseguindo submeter os artigos científicos como planejado. Quando questionado às mulheres negras com ou sem filhos, a porcentagem caiu para 46,5% e 47,2% respectivamente (STANISCUASKI et al, 2020).

Por fim, outro percalço que as mulheres têm que enfrentar na carreira científica são as variadas formas de discriminação por meio do uso da linguagem. Quando questionada sobre esse assunto, R. relata a mudança de comportamento dos homens do departamento quando o chefe de departamento faltava e a vice tinha que assumir as reuniões:

O que eu percebo... é muito evidente, que quando um homem fala, o homem fala, os outros homens escutam. A gente tinha uma chefe de departamento que era vice... quando o chefe faltava e era ela, a reunião já bagunçava, porque ela tava falando e os homens não respeitavam... e é interessante porque se o homem bate na mesa e grita com outro homem, a nossa reação é a seguinte, as pessoas falam ‘nossa ele é estressado, ele é nervoso, ele é assim mesmo’ vai eu fazer isso ‘é louca, desestruturada, está na tpm, não casou, é por isso’...

Esse tipo de discriminação é real, e pode ocorrer de variadas formas, as

quais recebem o nome de *maninterrupting*, *mansplaining* e *broappropriating*. O primeiro termo é a junção de duas palavras do inglês (man = homem e interrupting = interromper) que significa “homens que interrompem” e ocorre quando as mulheres não conseguem concluir suas falas porque são constantemente interrompidas pelas colocações dos homens. O termo surge com o artigo “Speaking while female” de 2015 escrito por Sheryl Standberg e Adam Grant no qual citam um trabalho que indica que as senadoras americanas se pronunciavam muito menos tempo do que homens em posições inferiores às suas.

O termo *mansplaining* por sua vez, também junção do inglês de (man = homem + explaining = explicar) que significa “homens explicam” ocorre quando um homem ao subestimar o conhecimento e capacidade de uma mulher, lhe explica algo óbvio e surgiu com a autora do livro “Men explain things to me” Rebecca Solnit, que em uma ocasião teve que ouvir a explicação de seu próprio livro feita por um homem para ela.

Da mesma forma, o *broappropriating* (bro [abreviação de brother = irmão, e appropriating = apropriar) que significa “homens que se apropriam”. Esse por sua vez ocorre quando os homens se apropriam das ideias das mulheres e levam o crédito no lugar delas. Uma cena clássica que exemplifica esse fenômeno ocorre quando as mulheres falam algo, dão alguma ideia em alguma reunião de empresa por exemplo, não são ouvidas e logo em seguida os homens reproduzem a mesma fala e são ouvidos e parabenizados pela “criatividade”.

Por fim, ao final da entrevista a cientista nos mostra que a família, o foco na busca pelos objetivos, a paixão pela

ciência e a conquista do Prêmio L'Oreal foram suas motivações durante a jornada e explica ainda a importância pessoal e social que este prêmio tem:

Ganhar o prêmio foi para mim muito relevante, porque mostrou para mim como cientista de ciência básica e mulher negra, - que são poucas as que são mulheres negras que chegam até o doutorado na universidade - que eu estou no caminho certo. (...) Os alunos têm a visão de que tudo que é bom está na capital... a gente tem essa visão... e a gente realmente sabe que os melhores centros de pesquisa estão em São Paulo, no Rio... então quando você começa a valorizar e incentivar por meio de fomento, com dinheiro, os professores que estão em regiões mais afastadas, você dá oportunidade para esses professores melhorarem seu ambiente de trabalho e dão oportunidade para os alunos, que a gente não precisa dessa migração, de todo mundo indo para as capitais, então acaba valorizando o grupo de pesquisa no interior e os alunos acabam nos valorizando também.

Construindo uma grande colcha de retalhos

Diante do que foi exposto acerca das dificuldades experienciadas e observadas por R., o uso da história de vida nos permite a compreensão da realidade de outras mulheres negras na ciência. A história de vida é uma metodologia qualitativa de pesquisa biográfica que permite a compreensão do mundo social através do mundo subjetivo, em outras palavras, é a construção do conhecimento da realidade concreta e social por meio da análise de uma história única, relatada pelo sujeito que a vivenciou. E fazer isso, é como tecer uma grande colcha de retalhos, no qual o fio que une cada uma

das histórias únicas das mulheres negras é justamente o que as aproximam, os desafios a serem superados.

E isso é possível de ser feito porque R. é um elemento de algo maior, de um todo e está imersa em um universo simbólico, cujas representações permitem fazer tais generalizações (FONSECA, 1999). Peräkylä (1997) esclarece que todos os trabalhos da pesquisa qualitativa têm o direito de ser generalizados, mesmo a história de vida que tem um número pequeno de participantes, e tal generalização só pode ser feita por meio do mundo da possibilidade. Nesse sentido, não se pode afirmar que as pessoas fazem, mas sim o que elas podem fazer.

Dessa mesma forma, não podemos afirmar que os desafios que vimos na trajetória de R. são os mesmos que estão no Labirinto de Cristal das outras cientistas negras, mas que podem vir a aparecer durante o percurso de, pelo menos, uma parte delas. E são eles: o sexismo - instrumental e automático - e a luta contra eles; o conflito entre ser cientista e ser mulher; a linguagem como forma de discriminação; os racismos - especialmente o institucional -; a falta de representatividade; a conciliação entre projeto pessoal e de militância e o apagamento de sua inteligência. Desejamos que não só os desafios, mas principalmente que as vitórias de R. possam ser também vivenciadas cada vez mais por outras meninas e mulheres negras, para o bem delas mesmas, para o bem do nosso país e do nosso mundo.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. Feminismos Plurais. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ANDIFES, V **Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos(as) graduandos(as) das IFES - 2018**. Brasília, p. 19, 2019. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>. Acesso em: 15 de fev. de 2022.

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, ano 11, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 28 de mar. de 2021.

FONSECA, Cláudia. Quando cada caso NÃO é um caso. *Revista Brasileira de Educação*, n. 10. Rio de Janeiro, jan. - abril 1999. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24781999000100005. Acesso em: 25 de jan. de 2022.

Gênero e Número. **Gráfico: Gênero e raça na ciência brasileira**. 20 de jun. de 2018. Disponível em: <http://www.generonumero.media/grafico-genero-e-raca-na-ciencia-brasileira/>. Acesso em 17 de out. de 2020.

GONZALEZ, Lélia. [Entrevista concedida a] **Jornal do MNU**, Salvador, n. 19, p. 8-9, maio de 1991. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/wp-content/uploads/2013/07/entrevista-lelia-mnu.pdf>. Acesso em: 29 de mar. de 2021.

HOOKE, Bell. **De mãos dadas com minha irmã: Solidariedade Feminista**. In: _____. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. 1ed. São Paulo: Martins Fontes. 2013. cap. 7, p. 127-149.

LATTES, Currículo. ANJOS, R. C. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5775617413825711>. Acesso em: 19 de nov. de 2021.

LIMA, Betina Stefanello. **Teto de vidro ou labirinto de cristal?** As Margens Femininas das Ciências. 2008. 133 f. Dissertação

(Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

L'ÓREAL Brasil, Unesco e ABC divulgam as vencedoras do programa “Para mulheres na ciência” 2020. **ABC**, 2020. Disponível em: <http://www.abc.org.br/2020/08/20/loreal-brasil-unesco-e-abc-divulgam-as-sete-vencedoras-do-programa-para-mulheres-na-ciencia-2020/>. Acesso em: 19 de nov. de 2021.

Mulheres cientistas escondidas pela história. **El País**, 11 de nov. de 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/15/ciencia/1510751564_040327.html. Acesso em: 13 de fev. de 2022.

Mulheres combatem invisibilidade histórica e avançam nos espaços de produção científica. **Unifesspa**, 11 de fev. de 2021. Disponível em: <https://www.unifesspa.edu.br/noticias/5019-mulheres-combatem-invisibilidade-historica-e-avancam-nos-espacos-de-producao-cientifica>.

NOGUEIRA, Renato. Afroperspectividade: Por uma Filosofia que descoloniza. [Entrevista concedida a] Tomaz Amorim. **Negro Belchior**, p. 1-17, 11 de jul. de 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/32321625/Entrevista_com_Renato_Nogueira_Afroperspectiva. Acesso em: 31 de mar. de 2021.

PERÄKYLÄ, Anssi. Reliability and Validity in Research Based on Transcripts. In:

SILVERMAN, D. **Qualitative Research: theory, method and practice**. London: Sage. (1997). Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/Silvermann.%20Reliability%20and%20Validity%20in%20research%201997%20p.201-217.pdf>. Acesso em: 14 de jul. de 2021.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Tradução de Raul Fiker. Bauru: EDUSC, 2001.

SILVÉRIO, Valter Roberto; TRINIDAD, Cristina Teodoro. Há algo novo a se dizer sobre as relações raciais no Brasil contemporâneo? **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 33, n. 120, p. 891-914, jul.-set. 2012

STANISCUASKI, Fernanda et al. **Gender, race and parenthood impact academic productivity during the COVID-19 pandemic: from survey to action**. In COVID-19 SARS-CoV-2 preprints from medRxiv and bioRxiv, July 4, 2020. Disponível em: <https://www.biorxiv.org/content/10.1101/2020.07.04.187583v1.full.pdf+html>. Acesso em 11 de jul. de 2021.

Recebido em 2022-03-04
Publicado em 2022-06-01